

# **Seminário Mulher e Mídia no MT debate representação feminina no Brasil**

*Com o objetivo de discutir a forma como a mulher brasileira é retratada nos meios de comunicação, foi realizado nesta sexta-feira (04), o primeiro Seminário Mulher e Mídia da Defensoria Pública de Mato Grosso.*

**[\(Cenário MT, 07/08/2017 - acesse no site de origem\)](#)**

O evento contou com a participação de diversos representantes do debate sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea, como a jornalista Marisa Sanematso, do Instituto Patrícia Galvão, e a professora da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Madalena Rodrigues, além das Defensoras Públicas Rosana Leite Antunes de Barros, coordenadora do Núcleo de Defesa da Mulher (NUDEM), Maila Aletéa Zanatta Cassiano Ourives, Tânia Regina de Matos, Juliana Ribeiro Salvador, Hálleny Araújo dos Santos e Sandra Cristina Alves.

Dividido entre os períodos matutino e vespertino, os painéis de discussão abordaram os temas “Mulher e Mídia”, palestra magna promovida pela jornalista Marisa Sanematsu, que apresentou aos ouvintes cases emblemáticos de má representação da mulher em noticiários e publicidades recentes, “Defensoria Pública, Sociedade e Imprensa”, e “Igualdade de Gênero”, palestra da professora da UFMT, Madalena Rodrigues.

A coordenadora do NUDEM, Rosana Leite Antunes de Barros abriu o Seminário destacando principais ações que o órgão já desenvolveu, como os ofícios enviados à Secretaria de Segurança solicitando a criação de mais delegacias especializadas em Mato Grosso, que atualmente conta com apenas uma unidade em todo o Estado, além de sua estrutura interdisciplinar de atendimentos, com ajuda de psicólogos e assistentes sociais.

*A Defensora também falou sobre a natureza peculiar da Lei Maria da Penha, que comemora 11 anos de existência nesta segunda-feira (07). “A violência*

*contra a mulher não é só doméstica. Por isso, defendemos que ela deve ser híbrida para ser efetiva, de modo que a mulher não reviva a violência sofrida por seu agressor a cada audiência do processo”, declarou.*

Ao final do evento, os participantes concorreram a um sorteio do livro “As detentas do presídio feminino: Crônicas das Execuções Penais”, de autoria da Defensora Pública Tânia Regina de Matos.

*Paulo Radamés*

---

## **Igualdade de gênero na publicidade ganha valor em Cannes**

O tema da responsabilidade social na comunicação das marcas deve dominar o festival internacional de publicidade Cannes Lions, o principal evento anual da indústria, que acontece nesta semana na Riviera Francesa.

**[\(Folha de S.Paulo, 17/06/2017 - acesse no site de origem\)](#)**

Pauta de palestras e debates, ações afirmativas por igualdade de gênero e causas sociais deverão influenciar até mesmo o julgamento dos trabalhos publicitários mais criativos que receberão os cobiçados prêmios do festival.

Pela primeira vez, os jurados receberam orientação formal contra a objetificação de gêneros. A organização pede aos jurados que “considerem se um trabalho objetifica um gênero” e “levem isso em conta ao votar nos trabalhos”.

A intenção é evitar deslizes como o ocorrido no ano passado, quando o festival foi criticado por premiar uma campanha desenvolvida pela agência brasileira AlmapBBDO para a Aspirina, acusada nas redes sociais de ser

machista e incentivar a chamada “pornografia da vingança”.

A propaganda do remédio contra dor de cabeça incluía a frase “Calma amor, não estou filmando isso.mov”, referência a atos sexuais gravados e divulgados sem consentimento de uma das partes.

A pedido do cliente, a farmacêutica Bayer, a campanha teve sua inscrição cancelada e a agência devolveu o prêmio recebido, o Leão de bronze na categoria outdoor.

Desta vez, a estrela do festival deverá ser o pastor americano Jesse Jackson, ativista dos direitos humanos, convidado a falar sobre a necessidade de as marcas participarem da construção de uma sociedade mais inclusiva.

Em outro painel, o presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos, vencedor do Nobel, vai discutir as lições do acordo de paz com a guerrilha colombiana com o chefe de uma grande agência de relações públicas, Jack Leslie, da Weber Shandwick. “Promover a paz é o briefing mais difícil”, afirma o anúncio da palestra.

Maurice Lévy, do grupo Publicis, receberá para um bate papo a diretora-gerente do FMI (Fundo Monetário Internacional), Christine Lagarde. Assunto: “A criatividade é capaz de mudar o mundo?”

Gal Barradas, co-presidente da agência BETC São Paulo, diz que a recomendação do júri contra a objetificação de gênero resulta de um processo iniciado há cinco anos, quando o ex-presidente dos EUA Bill Clinton fez uma palestra em Cannes e convidou a indústria a usar a criatividade para impactar a sociedade.

“O festival bebeu muito daquela palestra e a partir dali começaram a valorizar campanhas que falam de sustentabilidade e diversidade”, diz.

O festival lançou um programa para estimular a presença de mulheres nos departamentos de criação das agências -tido como reduto masculino em todo o mundo.

O programa é voltado para profissionais em meio de carreira e levará a Cannes neste ano 15 publicitárias, que participarão de workshops e atuarão

como mentoras de outros profissionais. Entre elas, a brasileira Deborah Vasques Soares, redatora sênior da Lew'Lara\TBWA.

Uma criação da BETC São Paulo tem boas chances de ser premiada por ir de encontro às preocupações dos organizadores do festival -um aplicativo de celular que calcula o número de vezes em que uma mulher é interrompida por um homem numa reunião, o Women Interrupted.

O aplicativo foi criado por iniciativa própria da agência, sem envolvimento de nenhum cliente nem veiculação na mídia. Com sede em Paris, a BETC é conhecida pelo ativismo político e social -todas as filiais são co-presididas por uma mulher e um homem.

“Cannes não é um lugar para descobrir as novas tendências, mas mostra o que se consolidou na indústria”, diz Barradas. “Essa questão do apoio à diversidade atingiu um ponto de maturidade.”

O engajamento da indústria também segue uma lógica de mercado. “O poder de decisão de consumo no mundo está na mão das mulheres”, diz. “Além disso, um ambiente de trabalho mais diverso e justo é mais criativo e impacta no resultado dos negócios.”

“As marcas não conversam mais só com clientes e colaboradores”, diz o presidente da Dentsu, Mario D’Andrea, único brasileiro a presidir um júri neste ano, na categoria Rádio. “Elas têm que se preocupar em como são percebidas pela sociedade.”

*Mariana Barbosa*

---

## **Cresce número de mulheres nas**

# Câmaras das 10 maiores capitais do País

*Proporção de vereadoras chega a 15% nas Casas Legislativas. Curitiba e SP lideram ranking*

[\(R7, 04/10/2016 - acesse no site de origem\)](#)

O número de mulheres nas Câmaras Municipais das dez maiores capitais brasileiras cresceu nesta eleição. Ao todo, elas ocuparão, a partir de 1º de janeiro, 63 das 422 cadeiras das Casas legislativas das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Fortaleza, Belo Horizonte, Manaus, Curitiba, Recife, Porto Alegre e Goiânia. Atualmente, as mulheres possuem 50 postos.

*Leia mais:*

[Número de mulheres nas câmaras do Alto Tietê cai quase pela metade \(G1, 04/10/2016\)](#)

[Feministas se elegem vereadoras em busca de representatividade para mulheres \(Extra, 03/10/2016\)](#)

[“Aumento do número de vereadoras é simbólico, mas tem limitações”, diz feminista eleita em SP \(R7, 03/10/2016\)](#)

[Analista aponta retrocesso com redução de mulheres na câmara de Santarém \(G1, 03/10/2016\)](#)

Com isso, a representação feminina nas Câmaras das principais capitais do País saltará de 12% para 15%. A taxa de mulheres eleitas, no entanto, ainda é bastante inferior à de mulheres candidatas, que gira em torno de 30% por conta da legislação eleitoral.

Na maior Câmara Municipal do País, a de São Paulo, com 55 postos, mais que dobrou o número de mulheres foram eleitas. Até o final deste ano, cinco mulheres ocupam os cargos. A partir do ano que vem, serão 11 vereadoras.

O número de mulheres na Câmara da capital paulista representa 20% das 55 cadeiras (a segunda maior proporção entre as 10 principais capitais, perdendo apenas para Curitiba).

Em Salvador, o número de vereadoras também mais que dobrou. No ano de 2012, foram eleitas apenas cinco mulheres. Este ano, foram eleitas oito — o que equivale a 19% das 43 cadeiras da Câmara da cidade.

Em Belo Horizonte, quatro vereadoras ocuparão, cada uma delas, uma das 41 cadeiras da Câmara da cidade — a proporção de mulheres entre os parlamentares da Casa legislativa chegará, então, a 10% do total. Até este ano, havia apenas uma vereadora na capital mineira.

Em Curitiba, o número de mulheres na Câmara, composta por 38 cadeiras, em 2012, era de cinco. Agora, com as novas eleições, o número passou para oito — 21% do total de postos.

Em Goiânia, o número de mulheres na Câmara aumentará das atuais quatro para cinco no ano que vem, chegando a 14% das 35 cadeiras da cidade.

### **Recife e Porto Alegre: número estável**

No Recife, o número de vereadoras que assumirão uma das 39 cadeiras da Câmara Municipal a partir de 2017 permanecerá o mesmo do atual: seis (15% do total). O que chama a atenção na cidade, no entanto, foi o desempenho das candidatas: cinco delas estão no grupo dos dez vereadores mais votados da cidade.

Em Porto Alegre, quatro mulheres foram eleitas para o próximo mandato no Legislativo de Porto Alegre — equivalente a 11% das 36 cadeiras locais. O número é idêntico ao da atual composição da Câmara. Entre todos os candidatos, a mais votada foi uma mulher: Fernanda Melchionna, do PSOL.

### **Rio, Fortaleza e Manaus: queda**

O Rio de Janeiro, por sua vez, verá o número de mulheres entre os 51 vereadores cair a partir de 1º de janeiro. Em 2012, foram eleitas oito mulheres. Neste ano, as eleitas foram sete (14% do total).

Outra grande cidade em que a participação feminina na Câmara perdeu força foi Fortaleza. Seis mulheres foram eleitas para ocupar uma das 43 cadeiras do parlamento local a partir do ano que vem (também 14% do total). Até este

ano, havia sete vereadoras na Casa.

Em Manaus, o número de vereadoras também diminuiu: passou de cinco para quatro, ou 10% dos 41 postos da Câmara da cidade. Ao lado de Belo Horizonte, a capital do Amazonas terá, entre as 10 maiores capitais do País, a menor proporção de mulheres.

---

## Número de eleitas cai e mulheres perdem representação política

Mesmo num ano em que a discussão sobre a violência e a igualdade de gênero ganharam maior projeção no Brasil, o resultado da eleição deste domingo (2) aponta que as mulheres perderam representatividade entre os políticos eleitos.

**[\(Folha de S.Paulo, 04/10/2016 - acesse no site de origem\)](#)**

Das 5.509 cidades com eleição definida no primeiro turno, apenas 639 terão prefeitas a partir do ano que vem, um índice de 11,6%.

Nas últimas eleições, em 2012, 663 mulheres foram escolhidas para administrar cidades do país, 11,9% do total.

De acordo com o último Censo do IBGE, as mulheres representam 51% da população do Brasil.

***[Leia mais: ANÁLISE: Alta na participação feminina e de jovens é saldo positivo, por Américo Sampaio \(O Estado de S. Paulo, 04/09/2016\)](#)***

***[Eleitores renovam um terço da Câmara no Rio; mulheres continuam de fora \(Agência Brasil, 03/10/2016\)](#)***

A situação da representatividade feminina fica ainda pior se for considerado o número de mulheres que disputaram a eleição para prefeito, que foi praticamente o mesmo nas duas eleições: 2.032 em 2012 e 2.039 neste ano.

A conta considera apenas candidaturas aprovadas ou pendente de julgamento -parte das mulheres são inscritas pelos partidos apenas para cumprir no papel a cota legal de 30%, mas seus nomes acabam não indo às urnas.

O índice de mulheres eleitas em relação às que disputaram, portanto, caiu de 32,6% há quatro anos para 31,3% agora.

A falta de recursos -dinheiro, apoio político e tempo na TV- é um dos principais motivos para a baixa participação feminina entre os candidatos e entre os eleitos, segundo pesquisadores do tema.

Levantamento da Folha apontou que os partidos destinaram proporcionalmente 30% mais recursos os homens em relação ao que foi repassado às mulheres.

## **ESTADOS**

Em alguns Estados do país, o percentual de mulheres eleitas em relação ao total é maior. Todos, porém, ficam abaixo de 30%.

A maior representatividade proporcional é no Rio Grande do Norte, em que 28% das prefeituras ficaram com mulheres. Em seguida, estão Roraima (27%), Alagoas (21%), Amapá (20%) e Maranhão (19%).

Em situação oposta, com o menor percentual de mulheres eleitas, está o Espírito Santo, onde somente 5% das administrações serão comandadas por mulheres no ano que vem.

Em seguida estão Rio Grande do Sul (6%), Minas Gerais (7,3%), Paraná (7,4%) e Amazonas (8,2%).

Nas capitais, oito prefeitos foram eleitos no primeiro turno. Entre eles,



apenas uma é mulher: Teresa Surita, do PMDB, eleita em Boa Vista (RR).

A maior cidade que será governada por uma mulher é Pelotas (RS), onde Paula Mascarenhas (PSDB) foi eleita com 60% dos votos.

Em 55 cidades a eleição será definida apenas no segundo turno e em quatro todos os candidatos têm pendências com a Justiça Eleitoral, por isso seus votos ainda constam como nulos.

Sete mulheres concorrem nessas cidades onde a eleição ainda está indefinida. Mesmo no melhor cenário, em que todas que estão disputando vençam, o número de prefeitas em 2017 chegará no máximo a 648 -redução de 2% em relação a 2012.

---

## **A cada 10 prefeitos eleitos no 1º turno, apenas 1 é mulher**

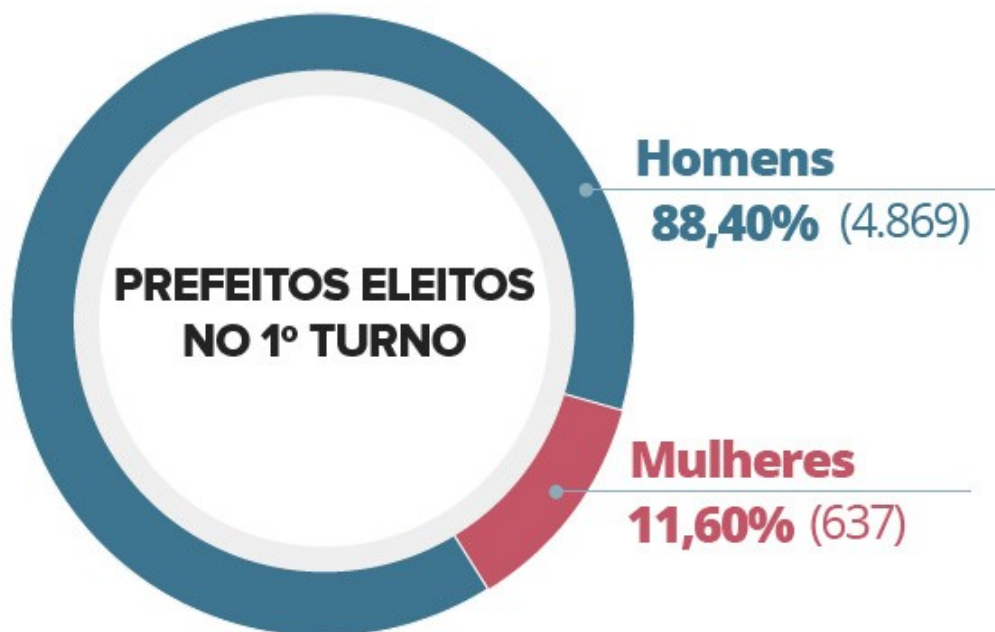
Dos 5.506 candidatos que foram eleitos prefeitos no primeiro turno das eleições de 2016, apenas 637 são mulheres, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Isso significa que, a cada 10 prefeitos eleitos, apenas 1 é mulher.

**[\(G1, 03/10/2016 - acesse no site de origem\)](#)**

Apesar de maiores reivindicações da população e de campanhas para melhorar a representatividade feminina na política, a proporção é praticamente a mesma que a encontrada no primeiro turno das eleições de 2012. Há quatro anos, as mulheres conquistaram 664 prefeituras, representando 12,03% do total de prefeitos eleitos. Neste ano, o percentual é de 11,6%.

# Mulheres nas prefeituras

Mais de 2,1 mil candidatas concorreram neste ano



Em alguns estados do país, o percentual aumenta, mas nenhum chega a 30%. O estado com a melhor representatividade é o Rio Grande do Norte, em que 28,1% dos prefeitos eleitos no primeiro turno são mulheres. Em seguida, estão Roraima (26,7%), Alagoas (20,8%), Amapá (20%) e Maranhão (19%).

Já na outra ponta do ranking, no Espírito Santo, apenas 5,4% dos prefeitos eleitos são mulheres. Já no Rio Grande do Sul, o percentual é de 6,1%. O estado é seguido por Minas Gerais (7,3%), Paraná (7,4%) e Santa Catarina (8,2%).

Nas capitais, oito prefeitos foram eleitos no primeiro turno. Entre eles, apenas uma é mulher: Teresa, do PMDB, eleita em Boa Vista (RR).

Esta é a segunda eleição municipal com a vigência da lei 2.034/2009, que estabelece que “cada partido ou coligação preencherá o mínimo de 30% (trinta por cento) e o máximo de 70% (setenta por cento) para candidaturas de cada sexo”.

---

# Presença de mulheres ficará restrita à Câmara de Vereadores na maioria dos municípios

*Em Maceió nenhuma mulher disputará a prefeitura; homens são o dobro na disputa*

**[\(Cada Minuto, 13/09/2016 - acesse no site de origem\)](#)**

Apesar do número de mulheres que vão disputar um dos cargos nas eleições deste ano para prefeito e vereador em Alagoas passar dos 30%, muitas cidades devem continuar com uma representatividade feminina bem abaixo do que de fato é a população que vota. Maceió, por exemplo, não terá nenhuma mulher disputando a prefeitura, o que ocorre também em outros municípios do estado, fazendo assim das Câmaras de Vereadores a única opção para que mulheres exerçam cargos políticos.

Segundo dados divulgados pela plataforma do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) até esta segunda-feira (12), Alagoas terá 68% de candidatos homens contra 32% de mulheres disputando os cargos.

Em números específicos, estão registrados como aptos pelo TSE 250 homens candidatos a prefeito e 268 para vice-prefeito enquanto 62 mulheres e outras 50 disputarão os cargos de prefeito e vice-prefeito, respectivamente. Já para as Câmaras Municipais os candidatos homens aptos são 4.429 e de mulheres 2.192.

Os números evidenciam a dificuldade dos partidos e coligações atenderem o que diz a Lei das Eleições, Lei nº 9.504/1997, que prevê em um de seus artigos que nas eleições proporcionais cada partido ou coligação preencherá o mínimo de 30% e o máximo de 70% para candidaturas de cada sexo. Na minirreforma eleitoral houve também substituição na expressão “deverá

reservar” – para “preencherá” em referência as candidaturas de mulheres, o que torna obrigatório o registro de candidaturas femininas.

### **As eleições e as mulheres em Alagoas**

Sem candidatas disputando a prefeitura de Maceió, a capital alagoana terá 79 candidatas para o cargo de vereador, segundo dados do TSE.

Arapiraca registrou uma candidata a vice e 68 a vereador. Delmiro Gouveia terá somente candidatas a vereador, somando 31 no total. Maragogi terá uma candidata a vice-prefeito e 24 candidatas ao cargo de vereador.

Em Marechal Deodoro serão 41 mulheres disputando para a Câmara de Vereadores. Palmeira dos Índios terá duas candidatas a prefeito e 41 a vereador. Em Rio Largo uma mulher e duas candidatas a vice disputam a prefeitura, enquanto que para o cargo de vereador são 48 candidatas. Já em União dos Palmares estão aptas uma candidata a vice e 57 para vereador.

### **Falta incentivo das mulheres na política**

Indira Xavier, uma das coordenadoras do Movimento de Mulheres Olga Benário, vê com tristeza o percentual baixo de mulheres que se candidataram este ano nas eleições em Alagoas e aponta que isso é reflexo da falta de incentivo para que mulheres ingressem na carreira política.

“O contexto local é reflexo do que tem acontecido na política nacional de uma forma geral e na sociedade. Infelizmente vivemos numa sociedade machista e patriarcal e que reservou às mulheres o espaço privado e aos homens o espaço público. Mesmo a gente conseguindo ocupar espaço na sociedade ainda assim há uma dificuldade da participação das mulheres por entender que não é um espaço que seja nosso, tanto por parte dos partidos como das mulheres. Se a gente não tivesse essa questão das cotas, a situação poderia ser ainda pior. Nós mulheres precisamos enxergar o espaço público como um espaço que nos pertence, assim como os partidos precisam entender isso”, defendeu.

Indira falou ainda da necessidade de incentivo da participação das mulheres nas eleições não apenas para preencher a cota partidária prevista na

legislação eleitoral, mas como instrumento de mudança social e de conquistas por mais direitos às mulheres, indo além, inclusive, da defesa da questões ideológicas.

“Não é a toa que somos a maioria na base dos movimentos sindicais e de tantas categorias. Vivemos um momento de afirmação e de busca na sociedade. Aqui temos vários obstáculos a serem vencidos e precisamos ter essa preocupação para formar mulheres dirigentes para ocupar esses espaços políticos de decisão não por herança, mas sim conquistados por luta. Participar da política é mostrar que o preço que tudo isso que estamos vivendo é participar e interferir nesse processo. Queremos manter com o futuro prefeito esse diálogo para melhorar várias questões, como construção de creches para que as mulheres possam trabalhar, mercado de trabalho, violência contra a mulher e outros temas”, concluiu.

*Vanessa Siqueira*

---

## **Eleição tem mais brancos que a proporção da população brasileira**

A maioria dos candidatos das eleições deste ano se declara como branca, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Das 493 mil pessoas disputando uma vaga para prefeito, vice-prefeito ou vereador, 254 mil constam como brancas, ou 51,5% do total. Já 39,1% se declaram pardos e 8,6%, pretos. Segundo classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os dois juntos formam os negros - ou seja, 47,7% dos candidatos.

**[\(G1, 10/09/2016 - acesse no site de origem - acesse no site de origem\)](#)**

As proporções não refletem a realidade do país, já que a maioria dos

brasileiros se enquadra como negro - 43,1% pardo e 7,6% preto, totalizando 50,7% de negros. Já os brancos representam 47,7% dos brasileiros - exatamente a mesma proporção de negros nas eleições deste ano.

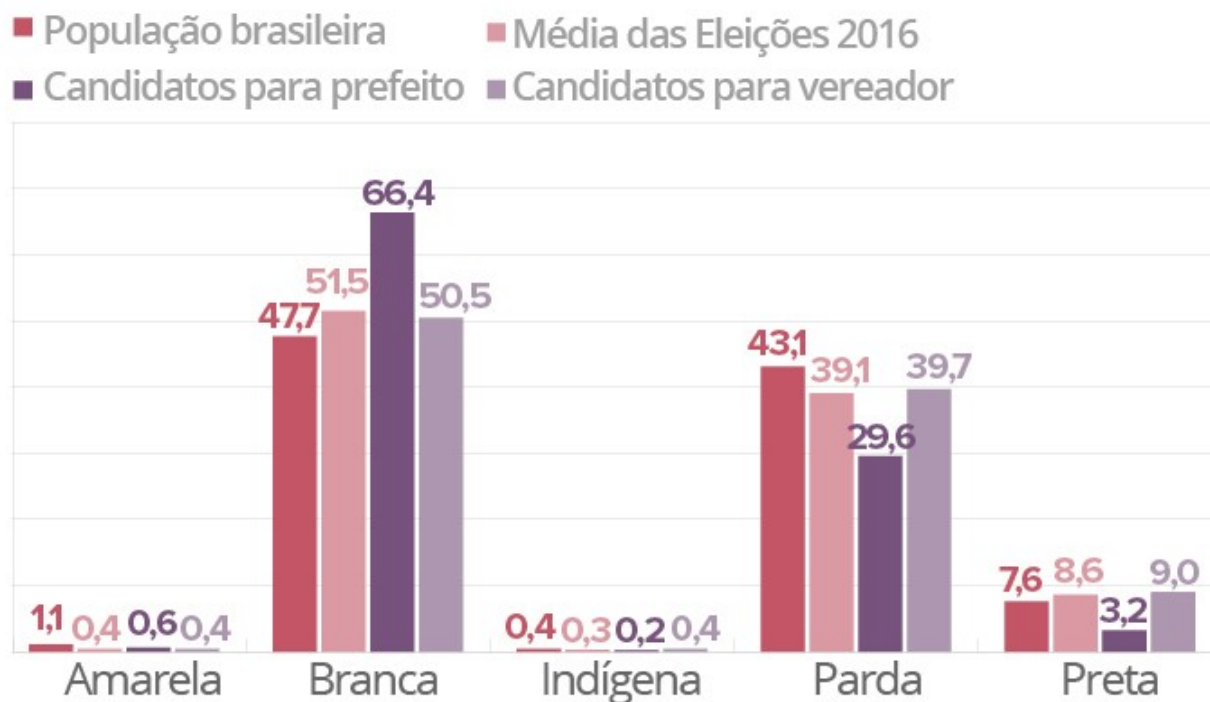
As proporções de outras etnias também apresentam diferenças entre o país e o pleito. Enquanto 1,1% da população brasileira se declara amarela, apenas 0,4% dos candidatos se enquadram como tal. Quanto aos indígenas, a proporção é mais próxima: 0,4% no Brasil e 0,3% nas eleições.

Em uma comparação por cargos disputados nas eleições, a disputa que conta com mais brancos é a para prefeitos, em que 66,4% dos candidatos se declaram como brancos e apenas 32,8%, como negros. Entre os candidatos a vice-prefeito, a proporção é similar: 62,7% brancos e 36,3% negros.

Já a disputa para vereadores é a com a proporção de negros mais próxima da realidade brasileira: 48,7%. Mesmo assim, a maioria dos candidatos - 50,5% - se declarou branca.

## Etnia dos candidatos

### Comparação das eleições com a população brasileira



FONTE: TSE



Infográfico elaborado em: 8/9/2016

---

# Propagandas não refletem realidade das mães, indica pesquisa

*(Folha de S.Paulo, 28/06/2016)* Conteúdos publicitários tradicionais não refletem a realidade das mães. Por isso, cada vez mais elas recorrem à internet para buscar produtos e informações sobre a criação de seus filhos.

É o que concluiu a pesquisa “Mães blogueiras: a publicidade em meios digitais” realizada pelo ESPM Media Lab. “A mãe sempre foi muito idealizada na publicidade. O público-alvo não se identifica, não é real” afirma Luciana Corrêa, 37, coordenadora do media lab.

Segundo a pesquisa, quase 60% das mães afirmaram que propagandas convencionais não refletem sua realidade —309 mães foram entrevistadas. Os pesquisadores também conversaram com cinco empresas anunciantes.

Gabriela Mignoni, 26, é mãe de Pedro, de 3 meses. Para ela, a imagem da “mãe perfeita” veiculada em propagandas acaba causando uma frustração entre as mães reais “de primeira viagem”.

“As campanhas estampam bebês perfeitos, gordinhos, saudáveis e mães maravilhosas, bem arrumadas e poderosas, que trabalham e cuidam dos filhos como ninguém”, diz. “A gente fica se perguntando por que não consegue, sabe?”

## **BLOGS**

Segundo Corrêa, a falta de identificação das mães com outras formas de comunicação abriu espaço para o crescimento de blogs sobre o assunto. “Eles são mais próximos da realidade. Por isso fazem tanto sucesso. É uma conversa de mãe para mãe em uma linguagem informal.”

Segundo a pesquisa, 85,3% das mães buscam em blogs informações e dicas sobre a criação de seus filhos. Apenas 6,3% afirmam preferir ler revistas, e 8,3%, livros.

A carência de boas informações práticas sobre a maternidade foi o que fez as amigas Juliana Freire Silveira, 36, e Renata Pires, 36, criarem o Just Real Moms, que oferece dicas sobre o assunto. Hoje, a página tem mais de um milhão de visitantes únicos por mês.

Juliana conta que o retorno é positivo quando há uma identificação da leitora com a postagem. “Dou como exemplo meu post sobre amamentação, que fiz lá no início do blog. Há muita dúvida das mães em relação a isso. No começo dói, você tem que ficar disponível de três em três horas.”

Segundo Juliana, esses posts prestam serviço às mães. “Ajuda a tirar um pouco esse mito da maternidade idealizada.”

## **INFLUÊNCIA**

A pesquisa concluiu que os blogs não são apenas fonte de informação. Eles têm grande peso na decisão de compra. De acordo com os dados, 62,4% das mães responderam que já compraram produtos utilizados por blogueiras, e 74% delas, que são influenciadas total ou parcialmente pelos anúncios e dicas dos sites.

É o caso de Annelise Gomes, 27. Grávida de 37 semanas, Annelise elaborou seu enxoval exclusivamente com produtos indicados em blogs. “Na minha família não tem bebês e das minhas amigas mais próximas eu sou a primeira a ter. Então os blogs me ajudaram muito.”

Por causa do apelo, as empresas têm buscado alinhar sua publicidade com esses novos meios. “O que a gente sempre pensa é: precisamos estar onde as pessoas estão. E as pessoas estão na internet, o tempo inteiro, pelo celular”, afirma Jairo Anderson, diretor-executivo de criação da agência VML.

A agência de publicidade elaborou a atual campanha da marca de fraldas Huggies, “Acontece na hora da troca”, com a participação da blogueira Luiza Diener, criadora do site Potencial Gestante. Os vídeos foram exibidos na TV,



mas o foco da ação foi principalmente no meio digital. Os vídeos contando histórias inusitadas de pais trocando fraldas estão no canal da marca no YouTube.

## **TRANSPARÊNCIA**

A mudança no foco publicitário requer alguns cuidados. “O conteúdo editorial e o publicitário muitas vezes se confundem na web”, diz Corrêa.

Segundo a pesquisa, 77% das leitoras dizem considerar importante que a publicidade seja sinalizada no blog. Apenas 20% afirmam que consideram que as blogueiras são muito transparentes em relação a posts publicitários.

O código do Conar (Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária) proíbe a prática de propaganda não sinalizada, a chamada propaganda velada.

O documento, porém, é de 1978 e não especifica ou regulamenta conteúdos publicitários em novas mídias, como é o caso dos blogs.

Como a maioria dos blogs não é associada ao conselho, os sites não podem sofrer penalidades como a suspensão ou alteração do conteúdo.

Por isso, o órgão tem tratado casos de posts com propagandas veladas com simples advertências. Fica a critério de autor acatar ou não a sugestão dada.

Em 2014, cerca de mil consumidores enviaram e-mails ao Conar protestando contra a campanha do leite Milnutri, da Danone, por causa da propaganda sem identificação na revista Pais&Filhos e nos blogs Mães Brasileiras e Bicho Mãe, da blogueira Flávia Miranda. Os consumidores também reclamavam que as matérias veiculadas na revista e nos posts desestimulavam a amamentação, recomendada até os dois anos de idade pelo ministério da Saúde.

Miranda acatou a advertência do Conar e identificou a publicidade, além de incluir no texto um alerta sobre amamentação. Ela diz que desde a advertência o blog foi alterado para sempre sinalizar conteúdos pagos.

“Errei por falta de conhecimento. Comecei a escrever de forma

despretensiosa. As marcas me procuravam para anunciar, e eu fazia os posts”. Hoje, o conteúdo pago é identificado com um banner que indica: “Este post foi patrocinado”.

Miranda diz que também publica marcas que enviam kits com produtos, sem o banner, na coluna “Testado e Aprovado”. Ela afirma que, assim que usa alguma cortesia, escreve suas impressões. “Só posto o que usaria.”

Para Corrêa, a falta de transparência também afeta as blogueiras, já que danifica a credibilidade do site, afastando o leitor. De acordo com ela, cada vez mais as autoras estão preocupadas com a sinalização do conteúdo publicitário.

Muitas vezes as próprias marcas têm receio de anunciar em blogs envolvidos em polêmicas por falta de transparência, diz Anderson. Segundo ele, a VML evita blogs que possam causar alguma repercussão negativa. “Precisamos ser inteligentes para se associar a blogs que são confiáveis, porque na internet todo mundo fala, todo mundo escuta. Temos que nos associar às pessoas certas.”

*Luisa Leite*

***Acesse o PDF: [Propagandas não refletem realidade das mães, indica pesquisa \(Folha de S. Paulo, 28/06/2016\)](#)***

---

## **CCJ aprova representação proporcional por sexo em cargos na Câmara e no Senado**

***(Agência Senado, 30/03/2016)*** A Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) aprovou nesta quarta-feira (30) proposta de emenda à

Constituição (PEC 38/2015) que garante a representação proporcional de cada sexo na composição das mesas e comissões da Câmara dos Deputados, do Senado Federal e do Congresso Nacional. A iniciativa recebeu parecer favorável da relatora, senadora Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM).

A mudança na Constituição Federal estabelece não apenas a representação proporcional por sexo no preenchimento das vagas nas mesas e comissões permanentes e temporárias, mas também que se assegure, ao menos, uma vaga para cada sexo nesse processo.

No parecer à PEC 38/2015, Vanessa registrou que, dos 513 cargos de deputado federal em disputa, apenas 51 foram preenchidos por mulheres nas eleições de 2014. Nesse mesmo pleito, apenas 13 das 81 vagas de senadores foram ocupadas por mulheres.

“Apesar de a quantidade de mulheres ser maior que a de homens e de o número de eleitoras ser maior que o de eleitores, temos um número ainda pouco expressivo de mulheres parlamentares”, reconheceu a relatora.

## **Reforma política**

Na justificção da PEC 38/2015, sua autora, a deputada federal Luiza Erundina (PSB-SP), fez um apelo por ações concretas para reverter o quadro de baixa participação de mulheres na política.

“Com esta inovação constitucional, procuramos assegurar que as Casas Legislativas observem dois princípios basilares em seu funcionamento interno: a representação proporcional dos partidos políticos e a representação proporcional dos sexos, tanto nas mesas diretoras, como nas comissões permanentes e temporárias”, ressaltou Erundina.

Outra ação concreta nessa direção foi citada pela relatora e está contida na PEC 98/2015, proposta pela Comissão de Reforma Política do Senado e já enviada à Câmara. Segundo explicou Vanessa, a meta traçada na PEC é no sentido de alcançar, dentro de três legislaturas (12 anos), uma participação mínima de 16% de mulheres na composição da Câmara dos Deputados, das assembleias legislativas, da Câmara Distrital e das câmaras de vereadores do

país.

## Voto contrário

O senador Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP) apresentou voto em separado pela rejeição da PEC 38/2015, que não foi acolhido pela comissão. Segundo o parlamentar, a instituição de cotas de gênero em casos como este priva o eleitor de expressar fielmente sua vontade, “mitigando os fundamentos da democracia”.

Agora a PEC 38/2015 segue para dois turnos de discussão e votação no Plenário do Senado.

***Acesse no site de origem: [CCJ aprova representação proporcional por sexo em cargos na Câmara e no Senado \(Agência Senado, 30/03/2016\)](#)***

---

## ONU afirma que “mulheres têm menos espaço na mídia”

*(Rádio ONU, 24/11/2015) Relatório preparado pela ONU Mulheres com dados de 144 países mostra contínua disparidade entre representação de homens e mulheres na imprensa; mulheres correspondem a 50% da população mas são apenas 24% das que aparecem em notícias em jornais, TVs e rádios.*

Um relatório preparado pela ONU Mulheres afirma que as mulheres têm menos espaço na mídia do que os homens.

O documento inclui pesquisas feitas nos últimos 20 anos em 144 países. O documento mostra que há uma severa disparidade entre a representação de homens e mulheres na imprensa, de uma forma geral.

**Mídia Global**

Segundo a agência da ONU, o Projeto de Monitoramento da Mídia Global, Pmmg, revela que as mulheres correspondem à metade população mundial mas representam apenas 24% das pessoas que aparecem em rádios, jornais e TVs.

Esse é o mesmo índice registrado em 2010 e mostra que o progresso em direção à igualdade de gêneros basicamente parou durante esse período.

O relatório diz ainda que “a relativa invisibilidade das mulheres nos meios de comunicação tradicionais chegou à mídia social também”. O documento mostra que somente 26% das pessoas envolvidas com notícias na internet ou no Twitter são mulheres.

## **Sexismo**

O Pmmg examina a visibilidade, a voz e a menção de mulheres e homens na imprensa e concluiu que o “sexismo” perdura há várias décadas.

Entre os principais pontos do relatório estão o fato de as mulheres serem colocadas como vítimas nas notícias duas vezes mais que o homens.

A presença das mulheres nos noticiários varia de acordo com a região. Na América do Norte, a diferença entre gêneros é a menor do mundo enquanto o Oriente Médio apresenta o maior índice.

A América Latina foi a região que registrou a maior queda da diferença entre homens e mulheres no setor, nos últimos 20 anos.

Além disso, o relatório mostra ainda que houve um aumento na presença das mulheres como apresentadoras de TV. O maior crescimento ocorreu entre as jovens.

Os especialistas disseram que as mulheres entre 50 e 64 anos estão subrepresentadas e as com mais de 65, praticamente desapareceram das telas da TV.

*Edgard Júnior*

**Acesse no site de origem: [ONU afirma que “mulheres têm menos espaço](#)**

*na mídia” (Rádio ONU, 24/11/2015)*